



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Juliana Vasconcelos de Andrade**

**Memórias de uma trajetória de transições pessoais rumo à formação em  
Pedagogia**

**CAMPINA GRANDE  
Setembro de 2014**

**Juliana Vasconcelos de Andrade**

**Memórias de uma trajetória de transições pessoais rumo à formação em  
Pedagogia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a integralização do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande.

Prof<sup>a</sup>. Me<sup>a</sup>. Maria Gorete de Medeiros  
Orientadora

CAMPINA GRANDE  
Setembro de 2014

**Juliana Vasconcelos de Andrade**

**Memórias de uma trajetória de transições pessoais rumo à formação em Pedagogia**

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Média final:** \_\_\_\_\_

EXAMINADORA:

---

PROF<sup>a</sup>. ME<sup>a</sup>. Maria Gorete de Medeiros

**Dedico este trabalho aos meus pais que tanto se esforçaram para que eu construísse uma base sólida para seguir em busca dos meus sonhos.**

## AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha trajetória de formação no curso de Pedagogia pude contar com o apoio de várias pessoas. Algumas delas passaram por minha vida deixando lembranças saudosas e grande gratidão, outras, no entanto, ainda se fazem presentes em minha vida. Sendo assim agradeço especialmente...

...a Deus, porque sem fé a minha humanidade sucumbiria frente aos obstáculos.

...ao Universo, por me permitir vivenciar os mais conflitantes e emocionantes momentos ao escrever este trabalho.

...ao meu pai, João Joaquim de Andrade, pelo exemplo de profissional dedicado e pela busca incansável por sua evolução.

... a minha mãe, Laércia Vasconcelos de Andrade, por me propiciar os desafios que me fizeram ser a pessoa que sou.

...a minha avó, Marielza da Silva, que sempre foi meu alicerce e minha grande fortaleza.

...ao meu avô, Laerte Chaves Vasconcelos, que sempre acreditou em meu potencial.

...aos meus tios, Fabiano Edson Farias Meira e Luciana Vasconcelos Meira, pelo apoio imensurável.

...a grande amiga, Mariana Vasconcelos de Lima, que sempre me auxiliou a superar os mais difíceis sentimentos me fazendo acreditar em quem realmente sou.

...aos amigos Adabriand Andrade Furtado, Gustavo Jansen Souza Santos, Ícaro Soares Bolconte, Lígia Saraiva Veríssimo e Paloma Vasconcelos de Lima, pelos importantes momentos de descontração e pela força nos momentos mais difíceis.

...a Henrique Cavalcanti de Lima e Verônica Vasconcelos de Lima por serem a família que ganhei ao longo da vida.

...a Renato da Costa Medeiros, Vivianne Duarte Medeiros e Leandra da Silva Farias, por me proporcionarem a experiência profissional mais significativa da minha trajetória acadêmica.

...a Rafael Duarte Medeiros e Renato da Costa Medeiros Filho por serem o estímulo e o orgulho que me fizeram apaixonar-me pela minha profissão.

...às professoras Rossana Arcoverde e Roziane Marinho pelo exemplo de profissional que tanto me inspira nesta profissão.

...à professora Maria Gorete de Medeiros por abrilhantar o final da minha trajetória acadêmica de formação no curso de Pedagogia.

## RESUMO

Ao longo da nossa formação acadêmica nos deparamos diversos acontecimentos que nos proporcionam viver transições em nossas vidas. Neste trabalho busquei rememorar acontecimentos da minha trajetória escolar e acadêmica, relacionando-as às transições que passaram a minha vida. Para isto, destaco e reflito sobre acontecimentos que contribuíram e/ou interferiram nesta trajetória, revelando como se deu a minha caminhada rumo à formação docente. Sendo assim, busco articular conhecimentos adquiridos ao longo da graduação em Pedagogia às explicações que compõem este Trabalho de Conclusão de Curso, utilizando como fundamentação alguns autores que se destacaram ao longo dos meus estudos. Tais reflexões além de contribuírem para um processo de auto-avaliação, também podem levar outros indivíduos a reavaliarem o curso de Pedagogia desta instituição e auxiliar colegas que fazem parte desta graduação.

## SUMÁRIO

RESUMO	5
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	7
<b>2. MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA DE TRANSIÇÕES PESSOAIS RUMO À FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA</b>	8
2.1 Minha trajetória escolar anterior ao ingresso na Universidade	8
2.2 Minha trajetória ao longo da formação em Pedagogia	9
2.2.1 Aprendizagens no âmbito dos componentes curriculares que abordam os conteúdos básicos profissionais	9
2.3 Experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado	13
2.3.1 Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar	14
2.3.2 Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil	16
2.3.3 Estágio Curricular Supervisionado em Ensino Fundamental	19
2.4 Aprendizagens no âmbito dos componentes curriculares do núcleo de aprofundamento e diversificação dos estudos	24
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	28
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	31

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, compreendido como um Memorial de Formação, redigido sob a exigência para a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, pretende expor e refletir a minha trajetória acadêmica antes e durante o ingresso nesta instituição. Para isto, destaco elementos fundamentais para a minha formação desenvolvendo uma reflexão acerca da minha atuação como aluna e, também, da prática dos professores com os quais tive a oportunidade de conviver no ambiente acadêmico.

Como integrante da primeira turma a desenvolver o Memorial de Formação, proposto na reformulação curricular deste curso (ocorrida no ano de 2009), além de vivenciar uma auto-avaliação, almejei poder contribuir com a formação de demais colegas deste curso, expondo anseios e conquistas que vivi ao longo da minha trajetória acadêmica.

Na escrita deste trabalho, articulo a minha trajetória acadêmica às transições que vivenciei, e estou vivenciando, em minha vida. Com isso, procurei refletir sobre o passado e o presente como uma forma de pensar sobre o futuro. Através das reflexões aqui desenvolvidas, as minhas esperanças para o futuro foram reforçadas, assim como o desejo de aprofundar os estudos, pois, como um ser inacabado, que me considero, sei que concluir uma graduação não consiste condição suficiente para o tipo de profissional que almejo ser. De acordo com isso Freire destaca que

a esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. (FREIRE, 1996, p. 74).

Para isso, este trabalho segue com um breve relato das experiências vivenciadas antes do ingresso neste curso, revelando como se deu a minha escolha pelo curso de Pedagogia. Acredito que este ponto de partida auxiliará o leitor a melhor compreender a minha (trans) formação ao longo da minha trajetória acadêmica.

Posteriormente, relato a minha vivência no Curso de Pedagogia, ressaltando as disciplinas e professores que tiveram destaque em minha formação e demais atividades que desenvolvi ao longo desta trajetória. Para isto, enfatizo as experiências vividas nas disciplinas de Estágio Supervisionado, articulando-os à formação profissional. Além disto, também exponho as experiências vivenciadas no último período dessa graduação com as disciplinas da área de aprofundamento.



Por fim, revelo as minhas considerações acerca desta trajetória acadêmica, refletindo aspectos pessoais com vistas à contribuição para a melhoria da graduação em Pedagogia desta instituição.

## **2. MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA DE TRANSIÇÕES PESSOAIS RUMO À FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA**

### **2.1 Minha trajetória escolar anterior ao ingresso na Universidade**

Sempre fui levada a considerar a educação escolar como meio de garantir uma boa qualidade de vida futura, pois, só assim, seria capaz de conseguir um bom emprego para que pudesse viver sempre no conforto material. Boas notas sempre me foram cobradas, um excelente comportamento era exigido quanto à compostura socialmente adequada para o bom convívio em grupo.

Minha vida escolar deu-se, por completo, em escolas particulares, sendo que a última, onde estudei por sete anos, possui grande destaque na cidade em que resido por apresentar os melhores índices de aprovação em vestibulares e, por isso, o senso de responsabilidade e competição surgiu em mim ainda nessa fase.

Essa visão de educação escolar como meio determinante para a inserção no mercado de trabalho e como meio de competição não me permitiu, em algumas circunstâncias, vivenciar esse processo como uma ação social, ou seja, não pude enxergar essa fase como uma vivência social em que me seria possível atuar como sujeito crítico. Segundo Freire,

[...] a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem no brasileiro, antigos culturólogos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima de fase de transição (FREIRE, 1992, p. 101-102).

Grandes esforços em satisfazer às cobranças da família levou-me, ainda criança, a um quadro de ansiedade que, porventura, interferia na vida cotidiana. A frustração por não corresponder a essas demandas, ou o próprio medo em não cumpri-las, por muitas vezes, me impediu de portar-me como um sujeito de voz, ou seja, alguém que sabe posicionar-se em meio a diversas situações, exprimindo seus pensamentos e desejos.

Assim, eu era alguém que estava no meio social, mas não me sentia inclusa nele. Sempre me achei diferente das outras crianças e, por isso, não tinha amigos na escola e costumava brincar, apenas, com minhas primas. Esta condição de sujeito precisaria mudar, pois, como

destaca Freire, “[...] é fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo” (FREIRE, 1992, p. 47). Essa situação logo seria transformada através da mediação de um instrumento: o livro literário.

Ainda criança, eu demonstrei interesse pela leitura literária, com incentivo primeiro da minha mãe. Contudo, o incentivo maior veio da família de uma amiga de escola. Em meio a livros diversos, me apaixonei pelos contos modernos, estes “[...] são narrativas originais, criadas por autores contemporâneos, que não têm nada a ver com a tradição oral [popular], mas que trazem uma certa renovação do maravilhoso” (FARIA, 2004, p. 24)

Esse contato com a fantasia proveniente do hábito de leitura me permitiu conhecer outros mundos, outras realidades e, assim, pude começar a questionar algumas verdades que considerava como únicas. Foi este hábito que proporcionou reconhecer-me como um ser singular, dotado de especificidades e cheio de valor, pois “[...] quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo” (LEFFA, 1999, p.15). E foi, assim, que experimentei a primeira grande transição em minha vida.

Foi pensando nessa transição que, contrariando os desejos da minha família, optei por cursar Pedagogia, pois o desejo de poder trabalhar em algo que me permitisse contribuir com o outro, principalmente a criança, foi mais forte que qualquer interferência familiar, pois foi naquela fase que permeou em mim esse sentimento de pertencer ao mundo. Assim, larguei outros projetos de vida, que já haviam sido iniciados, para cursar com dedicação este curso o qual, com muito orgulho, estou concluindo.

## **2.2 Minha trajetória ao longo da formação em Pedagogia**

2.2.1 Aprendizagens no âmbito dos componentes curriculares que abordam os conteúdos básicos profissionais

Lembro-me claramente do momento em que recebi a notícia da aprovação no vestibular para o curso de Pedagogia. Eu estava trabalhando, absorta em atividades, e recebi uma ligação. A ligação que trazia uma das notícias mais importantes da minha vida, pois anunciava o início de uma nova experiência, de mais uma transição em minha vida. Recebi com muita alegria as palavras da colega que docemente me levaram a um estado de êxtase e empolgação. Desde

esse dia não consegui imaginar-me realizando outro tipo de atividade que não fosse a docência, e, por isso, larguei o emprego em que eu estava e decidi dedicar-me aos estudos.

Logo na primeira semana de aula, senti-me motivada pelos professores, em especial pela professora Vera<sup>1</sup>, que se dispôs a ministrar a disciplina de Leitura e Produção Textual. Recordo-me da vontade que eu sentia em corresponder às expectativas desta professora, em dedicar-me às leituras precedentes às aulas para que, desta forma, eu pudesse dialogar e questionar sobre o assunto trabalhado. Nesta disciplina aprendi que a leitura acadêmica também pode ser prazerosa, aprendi a posicionar-me como uma leitora ativa, consciente e crítica, conseguindo compreender os significados de um texto, articulando-os às situações de vida prática. Em relação a isto, Santos destaca que

é através da leitura e sua respectiva compreensão que se consegue entender a realidade. Compreender um texto é estabelecer uma relação dinâmica com um determinado contexto, bem como perceber criticamente a objetividade dos fatos desse contexto. Assim, a leitura de um texto precisa transcender os limites dele mesmo e de remeter o leitor à percepção e análise da realidade. (SANTOS, 2006, p.80)

Vera foi, e ainda é, uma das minhas grandes inspirações na vida profissional. A partir desta grande admiração descobri o interesse pela área de linguagem, embora ainda não soubesse em qual aspecto focar. Sempre interessada por esta área, procurava ler textos complementares oferecidos pelos professores e, também, buscava demais leituras a fim de aprofundar-me nos conteúdos. Em virtude disto, fui incentivada por alguns professores a participar do programa de monitoria oferecido pela universidade, mas optei por participar da seleção para o PET Pedagogia – Programa de Educação Tutorial, quando estava no terceiro período do curso. Tendo sido aprovada nesta seleção, como aluna bolsista, pude vivenciar mais uma grande transição em minha vida.

O PET Pedagogia me proporcionou reflexões acerca da prática docente, através de atividades baseadas na tríade de ensino da UFCG: ensino, pesquisa e extensão. Assim, tive a oportunidade de participar de grupos de estudo sobre a formação da sociedade brasileira contemporânea, sobre os intelectuais da educação, dentre outros. Em relação às atividades de pesquisa, destaco a de perfil do graduando em Pedagogia, sendo esta uma atividade em que investigamos o perfil dos alunos do nosso curso para que, com isso, pudéssemos sugerir melhorias para o processo de ensino/aprendizagem na graduação. Dentre as atividades de extensão, destaco o caldeirão de história, que propunha um trabalho com a leitura de livros de Literatura Infantil envolvendo a encenação, na qual tive a oportunidade de ter aulas de teatro.

<sup>1</sup> Nome fictício utilizado para preservar a imagem da professora.

Além destas atividades, o PET Pedagogia também me estimulou a participar de eventos acadêmicos, principalmente aqueles voltados para este programa. Em virtude disto, participei de ricos encontros com demais PETianos, que permitiram trocas de experiências e socialização do conhecimento. Sem dúvida a minha participação neste programa auxiliou a minha formação, pois me permitiu ter acesso a diferentes formas de conhecimentos e diferentes realidades.

Também me recordo das disciplinas de Filosofia e Sociologia que romperam a minha ideia acerca do curso de Pedagogia como restritamente instrucional, pois estas me levaram a questionar diversos aspectos. Através dos estudos destas disciplinas passei a questionar as relações sociais, as diferentes culturas e a própria constituição do ser humano como um sujeito social. Isto me permitiu refletir sobre a forma como os sujeitos são construídos pela e na ordem social, pois “a identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. (SHAFFEL, 2000, p. 105, apud HALL, 1997, p. 13).

As disciplinas de Matemática também me despertaram imenso interesse, pois, através da metodologia abordada pelos professores da área, pude experimentar a construção do aprendizado em Matemática, de maneira similar ao aprendizado vivenciado por uma criança. Isso se deu pelo fato de que os professores ensinaram os conteúdos da disciplina explorando sistemas de numeração em outras bases, não se restringindo à base dez, ou seja, propuseram um trabalho com sistemas de numeração em que o número de elementos em um agrupamento diferencia-se do dez.

Foi assim que senti o aprendizado em Matemática fazer sentido, pois através das situações de conflitos matemáticos pude alcançar, através da mediação dos professores, o aprendizado. Sobre isto, Tetu destaca que

[...] em seu desenvolvimento cognitivo, o homem vai construindo noções matemáticas de acordo com suas interações, possibilidades e necessidades. Cabe aos educadores possibilitar experiências, num ambiente rico e estimulante, para que estas construções possam ser estabelecidas pela criança através de sua vivência e superação de conflitos cognitivos, dando origem, assim, à sua lógica operatória. (TETU, 2008, p. 104).

Ao longo da minha trajetória acadêmica continuei demonstrando grande interesse pelas disciplinas curriculares voltadas para a área de linguagem. Sendo assim, a professora Vera me sugeriu participar de um grupo voltado para o estudo do Letramento Digital que acontecia sob a orientação da professora Giovanna<sup>2</sup>. Desde o primeiro encontro senti que finalmente havia

descoberto a direção para o aprofundamento de estudos na área de linguagem, pois identifiquei-me com o sujeito ali discutido, o Homo Zappiens, que, de acordo com Veen&Vracking, é o sujeito que “[...] cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância: o controle remoto da televisão, o mouse do computador, o minidisc e, mais recentemente, o telefone celular, o iPod e o aparelho de mp3” (VEEN & VRAKING, 2009, p. 12). Segundo estes autores, em virtude deste intenso contato com diferentes tecnologias, a nova geração é constituída por sujeitos ativos e hábeis no manuseio de diversas informações, usando a lógica de jogo.

Essa perspectiva impulsiona uma nova visão sobre a educação, pois a sociedade atual, imersa em aparatos tecnológicos, cria, em seus sujeitos, a necessidade de novas competências e habilidades. Em virtude disto, a escola deve rever e reestruturar o processo educativo de maneira adequada a atender às necessidades deste sujeito para a sua formação integral. Em relação a isto, os autores supracitados também destacam que, nesta visão, o sujeito oferece novas oportunidades e que

[...] tais oportunidades relacionam-se a novos papéis, novos conteúdos e novos métodos de ensino e aprendizagem. [...] A sociedade do futuro exige que seus cidadãos sejam capazes de lidar com a complexidade, tanto na vida particular quanto na profissional. (VEEN & VRAKING, 2009, p. 14).

Apesar de satisfeita com a minha situação de aluna/bolsista, tendo a oportunidade de participar de eventos acadêmicos e atividades diversas que contribuíram diretamente com a minha formação profissional, três anos após a minha entrada no PET Pedagogia eu precisei sair para enveredar-me no campo profissional. Impulsionada por acontecimentos de cunho pessoal, a necessidade de trabalhar sobressaiu ao prazer de dedicar-me unicamente aos estudos. Contudo as novas situações que a vida me propôs, que por ora achei que não teriam soluções ou que interfeririam em meus sonhos, constituíram-se como um incentivo, algo que me fazia, e me faz, encontrar forças onde nem sabia que existiam. Só assim, com essa força, consegui conciliar trabalhar e estudar nesta última fase de trajetória acadêmica. Tantas noites sem dormir, tantas horas dedicadas aos estudos, hoje apresentam-se como uma bela história de vida, da qual estou tendo muito orgulho de relatar neste trabalho/documento de memória.

Por sorte, o trabalho foi algo que também me despertou muito interesse. Fui convidada a trabalhar em conjunto com Luciana<sup>3</sup> no acompanhamento personalizado de um menino chamado Adabriandt<sup>4</sup>. Este é diagnosticado como portador de uma síndrome global do desenvolvimento, a síndrome de Asperger. Eu me responsabilizei por acompanhar Adabriand

<sup>2</sup> Nome fictício utilizado para preservar a identidade da professora.

<sup>3</sup> e <sup>4</sup> Nome fictício para preservar a identidade do sujeito.

na escola, auxiliando-o a concentrar-se nas aulas e melhor apreender os conteúdos escolares e a melhor se incluir na sociedade. Em relação a esta atuação Bandim destaca que “[...] o auxiliar vai favorecer um ambiente onde o professor terá condições de pôr em prática sua programação diária, possibilitando o atendimento individualizado tanto em atividades específicas elaboradas para o aluno com autismo, como nas atividades em grupo”. (BANDIM, 2011, p. 102).

É válido esclarecer que ressaltei esta experiência, pois este acontecimento também foi algo que contribuiu, imensamente, com a minha formação profissional, uma vez que Luciana e eu recebemos treinamentos de um grupo de profissionais especializadas com o trabalho em ABA – Análise Comportamental Aplicada, que consiste em um programa para o tratamento especializado de indivíduos. Segundo Bandim, “a ABA caracteriza-se por um ensino intensivo e individualizado das habilidades necessárias para que a criança possa adquirir independência e uma melhor qualidade de vida”. (BANDIM, 2011, p. 131) Através deste programa são trabalhadas habilidades de comportamento social, atividades acadêmicas, comportamentos de vida diária e comportamentos mal adaptados, como comportamentos ritualísticos e autolesivos.

Além das experiências de grande significação que já foram citadas, destaco, também, a importância das disciplinas curriculares de Estágio Supervisionado como elemento fundamental para a formação docente. Este curso propõe três disciplinas voltadas para a intervenção de seus alunos: Estágio Supervisionado em Gestão Escolar, Estágio Supervisionado em Educação Infantil e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Estes estágios foram realizados em escolas públicas, a partir de uma parceria destas instituições com a Universidade Federal de Campina Grande.

Em virtude disto, nos tópicos seguintes relato minhas experiências acadêmicas nestas disciplinas, não apenas para a minha própria reflexão, mas, também, para que demais colegas possam utilizar-se de situações vividas por mim para melhor refletirem a sua atuação e formação profissional.

### **2.3 Experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado**

A grade curricular do curso de Pedagogia da UFCG propicia ao futuro pedagogo vivenciar o contato com instituições escolares públicas através de três disciplinas de Estágio Supervisionado. Estas promovem o contato do graduando com a gestão escolar, educação

infantil e anos iniciais do fundamental. A seguir apresento as referidas disciplinas e exponho minhas impressões e reflexões da vivência nas mesmas.

### 2.3.1 Estágio Curricular Supervisionado em Gestão Escolar

A primeira disciplina de estágio supervisionado foi cursada por mim durante o sétimo período da minha graduação em Pedagogia e, através disto, tive o contato com a gestão escolar. Esta disciplina, de acordo com sua ementa, tem como intuito proporcionar às estagiárias a vivência, a atuação e a análise da gestão escolar, por meio da articulação entre teoria e prática, enfocando as dificuldades encaradas pelos gestores de instituições públicas que atendem à educação infantil e aos primeiros anos iniciais do ensino fundamental, cooperando, conhecendo e intervindo nos programas educacionais dos quais a escola participa.

Através desta disciplina pude envolver-me com estudos acerca da gestão escolar e métodos de pesquisas, embasados em diversos autores, e reflexões acerca dos processos de gestão escolar. Com isso pude aprofundar as leituras e levantar aspectos que seriam interessantes serem observados no campo de estágio.

Sempre me questioneei sobre a maneira como ocorre a administração de escolas públicas, sob qual perspectiva os gestores desenvolvem o seu trabalho. Inquietou-me desconfiar de que esse processo ocorresse em concordância com o sistema capitalista, focado na eficiência de seus processos em busca de atender às necessidades da classe social dominante na sociedade.

Em relação a isto, percebi que, atualmente, há uma busca em amenizar os efeitos do sistema capitalista para a sociedade, através da implementação de políticas sociais, pois, como destaca Saviani “[...] estruturou-se uma ‘política social’ como antídoto ao caráter anti-social da economia capitalista” (SAVIANI, 2008, p. 225). Essa abordagem de gestão educacional baseada nos moldes capitalistas é justificada pela incompetência da administração do Estado dos bens da sociedade, pois respalda a ideia de que “[...] a ação do Estado está sendo solapada com o argumento de ser custosa, ineficiente, intervencionista e contrária à efervescência pós-moderna no que diz respeito à diversificação cultural e social’[...]” (SACRISTÁN, 1996, p.151, apud KIZILTAN, 1990).

Em virtude disso, fiquei curiosa para saber de que maneira a atuação da política social ocorre dentro da escola. Preocupou-me o fato de pensar que empresas pudessem interferir no sistema educativo através da implantação de programas sociais na escola, pois, como destaca Oliveira, as reformas ocorridas no campo educacional são [...] marcadas pela padronização e

massificação de certos processos administrativos e pedagógicos, sob o argumento da organização sistêmica, da garantia da suposta universalidade, possibilitando baixar custos ou redefinir gastos de gestão e permitir o controle central das políticas implementadas. (OLIVEIRA, 2004, p. 1131).

Em virtude dos estudos desenvolvidos nesta disciplina, também compreendi a importância do papel do gestor escolar, percebi que este deve agir democraticamente, opinando e propondo medidas para a escola, com o objetivo de elevar a qualidade de ensino da instituição, focando, assim, na aprendizagem dos alunos. Sob esta visão,

o diretor coordena, organiza e gerencia todas as atividades da escola, auxiliado pelos demais componentes do corpo de especialistas e de técnico-administrativos, atendendo às leis, regulamentos e determinações dos órgãos superiores do sistema de ensino e às decisões no âmbito da escola assumidas pela equipe escolar e pela comunidade (LIBÂNEO, 2001, p. 128).

Partindo desses pressupostos, iniciei as observações no campo de estágio. A Escolinha 123<sup>5</sup>, onde se realizou esta prática, é uma escola municipal que atendia crianças do 1º ao 9º ano. Mediante este contato, pude identificar os elementos estudados e pude, também, relacionar teoria e prática acerca das ideias que permeiam o exercício de gestores da escola pública. Contudo, algumas eventualidades dificultaram o andamento da disciplina de Estágio Supervisionado I. Dentre eles a falta de alguns documentos, o tempo de contato reduzido para a relação estagiárias/gestora e para observar diversos aspectos inerentes à gestão escolar e, ainda, o desinteresse dos membros da escola em participar de debates proporcionados pelas estagiárias.

Em relação à atuação da gestora, identifiquei que esta tem como atividades centrais do seu trabalho o planejamento pedagógico, elaboração do cardápio, compra de produtos, documentação escolar, matrícula, administração financeira e pedagógica, assistência ao educando, normalização e supervisão. Assim, sua função primordial é articular as diferentes funções, direcionando-as para um único foco: a qualidade da educação da instituição de ensino na qual exerce sua profissão.

Apesar de esta profissional demonstrar bastante empenho no exercício de sua profissão, as observações me permitiram concluir que há uma sobrecarga de atividades para ela e isto, porventura, pode interferir no bom desempenho de suas funções. Notei, ainda, que a sua principal dificuldade dentro do ambiente escolar eram as questões voltadas para os aspectos burocráticos. Acerca da implementação de políticas sociais na Escolinha 123, identifiquei que

<sup>5</sup> Nome fictício para preservar a identidade dos sujeitos que compunham a escola onde foi realizada a prática de estágio nesta disciplina.



o programa que desenvolvia essa ação, baseado no estímulo à leitura de crianças, não ocasionava danos ao processo de ensino/aprendizagem, pois este programa era trabalhado pelos professores em articulação à metodologia já utilizada nesta escola. E, apesar de seu caráter de busca pela minimização dos impactos do sistema capitalista, pelas empresas, o projeto chegava a contribuir com a escola através do envio de materiais de consumo e livros de Literatura Infantil.

A partir das vivências na Escolinha 123, passei a organizar o que me foi solicitado a discutir na disciplina de Seminário em Educação I, em relação aos aspectos que norteiam o trabalho do gestor escolar. Considero que os seminários foram momentos valiosos de troca de conhecimentos e experiências entre as estagiárias, apesar da ausência dos sujeitos que compõem a Escolinha 123, pois permitiram a nós, alunas, conhecer os aspectos norteadores do processo de gestão escolar e, assim, cumprir com os objetivos dessa disciplina aqui exposta.

### 2.3.2 Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil

A disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil foi vivenciada por mim no 9º período do curso de Pedagogia, no turno da tarde. Com o objetivo de discutir o processo de formação docente na Educação Infantil, sistematizar a proposta do trabalho para o estágio na Educação Infantil e desenvolver experiências sócio-educativas em instituições de Educação Infantil campo de estágio, esta disciplina foi organizada em seis momentos: apresentação da disciplina e negociações entre professora e alunos, levantamento de fundamentação teórica, observações do campo de estágio, elaboração dos planos de aula, intervenção pedagógica e elaboração e apresentação dos relatórios.

Os estudos realizados nesta disciplina me auxiliaram a aprofundar conceitos norteadores para a compreensão do trabalho em Educação Infantil, desde o surgimento da valorização da infância até as atuais políticas de proteção e preservação da infância. Sob a posse desses conhecimentos eu reconheci que para atuarmos nesta fase da vida, além de compreender aspectos inerentes à psicologia infantil, também é de suma importância conhecer e compreender a história social da infância.

Sendo assim, tive a oportunidade de aprofundar os estudos no que concerne à construção social da infância. Partindo deste aprofundamento, percebi que não há uma única concepção de infância, mas é possível discutir a sua história e a sua construção ao longo da evolução da

humanidade. Segundo Faria (2009), a trajetória da construção social do conceito de infância passa da condição de indiferença até a proteção integral da criança. Nesta perspectiva, a autora destaca que este processo ocorreu através da modificação da ausência do sentimento de infância. Segundo ela na Idade Média, com o advento da Igreja Católica e de educadores renascentistas, esta fase passou a ser reconhecida, mas considerava este pequeno sujeito como um ser imperfeito e incompleto. Foi somente na Idade Moderna que a infância passou a ser cuidada e valorizada. Acerca disto, a referida autora, em síntese, destaca que

[...] o conceito de infância é determinado historicamente pela mudança das formas de organização da sociedade, cujas transformações sociais e econômicas determinaram as condições da criança no interior da sociedade e, por isso mesmo, [...] a infância é um artefato social, não uma categoria biológica. (FARIA, 2009, p.24, apud POSTMAN, 1999, p.11).

Em meio as correntes pedagógicas que conheci mediante as leituras realizadas ao longo da minha formação, optei por seguir a perspectiva sociocultural de infância, uma vez que esta considera o sujeito infantil “[...] como um ser em seu próprio tempo – concreto, sujeito de sua história, produtora de cultura; ao mesmo tempo, singular e multifacetado, com características bem diferentes dos adultos, detentor de direitos enquanto cidadão” (FARIA, 2009, p.31).

Seguindo a perspectiva sociocultural do sujeito busquei estratégias para adequar a minha proposta de intervenção na disciplina de Estágio Supervisionado II ao contexto social das crianças do campo de estágio. Para isto procurei compreender de que maneira elas vivenciavam e experimentavam o processo educacional. Essa relevância das impressões das crianças acerca do processo de ensino/aprendizagem concorda com “[...] a ideia de criança competente, com possibilidade de trocas interindividuais entre iguais, de levantar hipóteses explicativas, de estabelecer relações entre fatos, de se comunicar, etc.” (CRUZ, 2006, p.301).

Após essas vivências, realizei a prática de intervenção pedagógica na creche Diatomáceas<sup>6</sup>. Inicialmente fui encaminhada, juntamente com uma colega de turma, para acompanhar a turma do Berçário I, pois esta seria a nossa turma para a realização da intervenção pedagógica dessa disciplina.

No período que compreendeu as observações no campo de estágio, percebi que as práticas das docentes da turma na qual realizamos a docência estavam mais voltadas às rotinas de higienização e alimentação. Mesmo que os brinquedos, as brincadeiras e as músicas estivessem integradas na sala de aula, senti que havia uma carência de intenção pedagógica ao utilizar tais recursos. Com isso, passei a indagar se a prática docente estava de acordo com o

<sup>6</sup> Nome fictício para preservar a identidade dos sujeitos que compunham a escola onde foi realizada a prática de estágio nesta disciplina.

que se propõe nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, uma vez que estas destacam que

o currículo busca articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade por meio de práticas planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano das instituições. (OLIVEIRA, ano, p.4).

Ainda de acordo com essas diretrizes, as práticas pedagógicas da Educação Infantil devem garantir experiências como atividades sensoriais, expressões motoras e corporais, possibilitando que as crianças tenham um conhecimento de si e do mundo que a cerca. Além disto, também é preciso promover atividades que propiciem diferentes relações com a arte música, teatro, dança, poesia entre outros.

Após o período das observações, iniciei a produção dos planos de aula para a intervenção na turma em que havia sido direcionada a acompanhar no primeiro contato com o campo de Estágio. Ao retornar a creche diatomáceas me deparei com um problema, pois, devido à falta de recurso nessa instituição, a turma do Berçário I só retornaria uma semana após o reinício das aulas. Em virtude disto fui encaminhada para desenvolver minha ação pedagógica como estagiária na turma do Pré-II.

Este acontecimento muito me preocupou, pois mesmo conhecendo o caráter flexível do plano de aula, sabia que seria impossível adaptar o que havia sido planejado para a turma do B1, pois, se assim o fizesse, minha atuação como regente pautar-se-ia numa ação genérica e contraditória à minha visão de educação e criança, já expostas aqui neste trabalho. Sendo assim, reelaborei, com auxílio da colega que realizou os estágios em dupla comigo, os planos de aula previamente preparados, mantendo as ideias principais, mas reelaborando as ações que foram realizadas.

Apesar deste empecilho, a semana de intervenção foi realizada com sucesso. Contudo, algo que me preocupou foi a impossibilidade de contribuir mais profusamente com a primeira turma na qual atuei como regente e que, através das observações, identifiquei aspectos que precisariam ser melhorados. Nos planos de aula que elaborei com a minha parceira de estágio, havia uma proposta de trabalho que atendia tanto aos cuidados das crianças quanto ao trabalho pedagógico. Sendo assim, destaco que, nesta vivência, uma lacuna foi deixada no que diz respeito à contribuição da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil para as creches onde a minha ação interventiva como estagiária aconteceu.

### 2.3.3 Estágio Curricular Supervisionado em Ensino Fundamental

Vivenciei a disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental no último período deste curso, pois esta tem como pré-requisito as disciplinas que compõem o currículo do curso de Pedagogia, com exceção das disciplinas da área de aprofundamento que são cursadas concomitantemente à disciplina supramencionada. Sendo assim, esta vivência se deu ao longo do 10º período deste curso, no turno da tarde, concomitante às disciplinas de aprofundamento da área de psicologia.

A disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental, de acordo com o PPP do curso de Pedagogia desta instituição, tem como objetivo discutir o processo de formação docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sistematizar a proposta do trabalho para o estágio nos anos iniciais, desenvolver experiências sócio-educativas na unidade escolar – campo de estágio e produzir relatório descritivo-analítico do Estágio desenvolvido.

Logo na primeira semana de aula a professora Marta<sup>7</sup>, apresentou à turma o cronograma de atividades de modo adequado às exigências deste último período de curso. Apesar do receio que me acometeu, pois a disciplina tem uma grande demanda de atividades e, também, pelo fato de ter que conciliar trabalho profissional e estudo, confiei na experiência de Marta. Ela também contou sua história de vida, nos apresentou um capítulo de seu memorial e isto serviu-me como inspiração, como apoio.

Em virtude da exposição de dúvidas acerca de conteúdos específicos da didática reveladas pelas suas alunas, Marta cedeu espaço para realizar momentos de retomada para o ensino dos conteúdos cujas aprendizagens foram constatadas como deficitárias, focando na elaboração de planos de aula, pois esta era a temática que mais despertava dúvidas. Com isso, ela propôs que, juntas, construíssemos um plano de aula, baseado em uma das aulas vivenciadas na disciplina de Estágio Supervisionado III. Com isso, compreendi a importância da atitude do professor em perceber seus alunos, observar seus aprendizados e suas dificuldades. Saber aquilo que o aluno é capaz de fazer sozinho, pois já internalizou determinado aprendizado, e aquilo que é capaz de fazer com a mediação de um sujeito mais experiente na cultura, ou seja, saber identificar e intervir com base na ZDP, Zona de Desenvolvimento Proximal, de seus alunos.

Quando internalizei o conhecimento trabalhado por Marta, foi como uma lâmpada acender em minha cabeça, um estalo que, imediatamente, me fez lembrar dos estudos desenvolvidos

<sup>7</sup>Nome fictício utilizado para preservar a identidade da professora.

através da disciplina de Psicologia acerca da perspectiva sociocultural de aprendizado, e, finalmente, sobre a ZDP, compreendi que “[...] é nessa zona que instruções sensíveis devem ser buscadas e onde o novo crescimento cognitivo é esperado.” (SDAVID R & KATHERINE, 2012, p. 249). Sem imaginar, a professora Marta, operando em nossa ZDP, levando-nos a alcançar e internalizar o conhecimento, também me levou a associar um aprendizado que, apesar de já conquistado, não era carregado de sentidos, pois ainda não o havia experimentado, de maneira tão clara e consciente, em minha trajetória acadêmica. Sinto a necessidade de informar que relevo as habilidades pedagógicas da professora ora referida não desmerecendo tantos outros professores brilhantes que por minha vida passaram, pois, cada um, em sua grandeza de espírito e disponibilidade, foi contribuinte para a minha conquista pessoal. Assim, através dos insights que tive durante a experiência aqui revelada pude ver em mim aspectos psicológicos revelarem-se e readaptarem a minha constituição enquanto profissional e aluna.

Este processo foi de muita riqueza para todas nós, alunas de Marta, pois poder relacionar teoria e prática, ainda no ambiente de sala de aula, permitiu sanar muitas dúvidas e realmente apreender o conteúdo. Além disto, a atividade colaborativa proposta por essa professora, revela uma ação docente baseada no scaffolding, pois, conforme SDAVID R & KATHERINE, este é um

[...] processo no qual um especialista, quando orientando um iniciante, responde contingentemente ao comportamento deste em situações de aprendizagem, de modo que gradualmente o iniciante se aperfeiçoe no entendimento do problema. (SDAVID R & KATHERINE, 2012, p. 249).

Essa atitude da professora Marta revela uma postura de profissional preocupada com o aprendizado de seus alunos. A sua tomada de decisão em possibilitar uma construção coletiva do plano de aula, nos levou a perceber que, como destaca Bernardes (2012), a organização do ensino deve ser pautada num sistema integrado de ações que envolvem ações e operações cooperativas entre professores e alunos e ações e operações sobre o objeto de aprendizagem e o conhecimento teórico.

Vencida essa etapa de retomada de conteúdos necessários para o bom desempenho da intervenção em sala de aula, passamos a elaborar um miniprojeto pedagógico a ser desenvolvido durante a semana de regência das estagiárias.

O referido miniprojeto foi construído coletivamente, em sala de aula, sob orientação da professora Marta. Quando questionadas acerca da temática que nós, alunas, sentimos a

necessidade de trabalhar, destacamos a necessidade explorar a prática da leitura de livros de Literatura Infantil em articulação ao ensino das diferentes matérias lecionadas nos anos iniciais do ensino fundamental. Esta escolha me deixou satisfeita e intrigada, pois, ao mesmo tempo em que esta temática se constituiu como assunto de meu interesse, também se apresentou como um desafio para mim. Um desafio que senti vontade de encarar com bravura e entusiasmo.

Contudo, é válido ressaltar que, em relação à compreensão acerca da Literatura Infantil, não defendo uma visão restrita à leitura destas obras a partir de uma visão pedagogizante, ao contrário, eu e minhas colegas de turma propomos um trabalho em que seria possível uma leitura significativa para os alunos e que, a partir destas, houvesse um ensino articulado e contextualizado para que tenha significado para as crianças. Assim, defendemos a prática de leitura sob a perspectiva sociointeracionista, pois de acordo com esta “[...] a leitura é entendida como um processo de produção de sentido que se dá a partir de interações sociais ou relações dialógicas que acontecem entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor”. (BRASIL, 2006, p 21)

Além disto, considero, também, que a prática de leitura é de suma importância para o desenvolvimento do leitor por meio da sua inserção em um ambiente letrado. Nesta perspectiva o ato de ler não está restrito às habilidades de codificação, transformação do código oral em escrito, e decodificação, transformação do código escrito para o oral, pois, de acordo com Soares, atualmente vivemos numa “[...] realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente [...]” (SOARES, 2001, p. 20).

Quando recebi a notícia de que a Escolinha de Jesus<sup>8</sup> abriu as portas para receber a turma de estagiárias, me tranquilizei e logo me incentivei para iniciar as elaborações dos planos de aula. Em virtude disto, foi preciso reorganizar o cronograma de atividades da disciplina e, com isso, a professora Marta dividiu a turma de Estágio Supervisionado III em quatro duplas e um trio. Fiquei no grupo do trio com as colegas Mariana<sup>9</sup> e Paloma<sup>10</sup>. Os grupos conversaram para a escolha da turma em que realizariam a intervenção e, a nós, coube ficar com a turma do 4º ano, sob regência da professora Lígia<sup>11</sup>, ex aluna do nosso curso. Essa autonomia propiciada pela professora Marta fez que eu me sentisse importante e motivada

<sup>8</sup> Nome fictício para preservar a identidade dos sujeitos que compunham a escolar onde foi realizada a prática de estágio nesta disciplina.

<sup>9</sup> Nome fictício utilizado para preservar a identidade do sujeito.

pois, passei a enxergar-me como alguém capaz de tomar decisões e detentor de conhecimentos.

Minhas expectativas para o primeiro contato com a escola foram grandes, contudo, alguns imprevistos impediram que eu e minhas colegas de turma tivéssemos o contato adequado com aquela instituição, pois, com a realização da Copa do Mundo, as festividades juninas e o recesso escolar, não pudemos ir ao campo de estágio realizar as devidas observações. Em virtude disto, tivemos apenas um dia para realizar o contato com a escola, mas, apesar dos empecilhos citados, pude conhecer o contexto escolar com auxílio da professora Lígia. Esta atitude em auxiliar as alunas estagiárias revelou, nessa professora, uma postura ética e compromissada com a educação, disposta a contribuir com a formação docente e, conseqüentemente, com a melhoria do ensino nas escolas públicas.

Após o primeiro contato com a Escolinha de Jesus, Mariana, Paloma e eu iniciamos a elaboração dos planos de aula para a intervenção do estágio supervisionado. E foi neste momento que o grande desafio, já citado, se mostrou, pois além de pôr em prática o projeto pedagógico desenvolvido por nós, buscando articular a leitura literária e o ensino das diferentes matérias, deveríamos, também, inserir a temática que estava sendo trabalhada na escola, sugerida pela Secretaria de Educação. Assim, elaboramos os planos de aula a partir da leitura de diferentes versões do conto de “João e Maria” em articulação à temática meio ambiente. Apesar do receio de algumas alunas da turma de estágio em não conseguir estruturar os planos de aula seguindo a proposta construída coletivamente, com as discussões realizadas em sala de aula sobre a temática e os devidos encaminhamentos que Marta nos concedeu, senti-me segura e confiante ao elaborar os planos de aula, seguindo a proposta elaborada por nós, alunas estagiárias, e a professora Marta.

Refleti muito acerca desta dificuldade que nós, idealizadoras do projeto citado, sentimos para estruturar a realização desse miniprojeto, e o porquê desta prática ser escassa nas escolas. Em relação a isto pensei que se para nós, alunas da disciplina de Estágio Supervisionado III, sob orientação de uma professora e com o conhecimento ainda fervilhando em nossas cabeças, foi difícil articular a leitura literária ao ensino de diferentes matérias, para alguns professores atuantes há anos e com diversas incumbências, também não deveria ser fácil. Por sorte, as colegas também estavam refletindo e tentando compreender tal fato e, por isso, foi possível discutirmos esse aspecto de maneira construtiva. Em decorrência disto a professora Marta

<sup>10</sup> Nome fictício utilizado para preservar a identidade do sujeito.

<sup>11</sup> Nome fictício utilizado para preservar a identidade do sujeito.

sugeriu que fizéssemos uma culminância baseada em nossa intervenção, para que socializássemos as experiências entre as turmas e os professores da escola.

Ao iniciar a semana de intervenção do Estágio Supervisionado, enfrentei a ansiedade de pôr em prática aquilo que se constituiu como um desafio para mim e para as minhas colegas de turma. Entretanto, já no primeiro dia, contentei-me em ver o quão prazeroso foi (tanto para nós, alunas estagiárias, quanto para os alunos) vivenciarmos o que foi planejado com tanto afinho.

Ao adentrarmos em uma profissão, é comum ouvirmos conselhos de profissionais que atuam há anos na área. No caso do trabalho docente, é recorrente que professores angustiados e já cansados critiquem o sistema educacional e, também, os conhecimentos acadêmicos. Ao iniciar o curso de Pedagogia, escutei de muitas pessoas que tudo aquilo que eu estava estudando não me serviria na prática em sala de aula, pois, segundo alguns professores, é só com a vivência na docência que o professor aprende realmente o que fazer. Entretanto, neste primeiro dia de atuação como regente, me senti segura e bem alicerçada, pois, em todo momento, as teorias de aprendizagem se chacoalhavam em minha cabeça. Parecia que arquivos estavam sendo remexidos e reorganizados em meu córtex cerebral de acordo com a minha necessidade naquele momento.

Assim pude vivenciar a ideia de Freire de que “a reflexão sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p. 22). Com isso compreendi que a teoria sem a prática é algo que restringe-se ao discurso, e sem sentido real para o sujeito, e a prática sem a teoria é uma ação descontextualizada, sem fundamentação, algo feito sem criticidade e reflexão. Segundo isto, Libâneo afirma que o planejamento escolar “é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. (LIBÂNEO, 2001, p. 221).

Ao longo da semana a realização da regência, deparei-me com diversas situações que são corriqueiras na vida do professor. Em alguns momentos eu e meu grupo de estágio precisamos reorganizar a sequência didática do nosso plano, em virtude da ocupação da sala de leitura, onde realizamos as sessões com vídeos, por outra turma. Apesar disto, não houve danos à nossa intervenção e, com isso, confirmamos, ainda mais a importância do planejamento para o trabalho do professor. E, também, que esse plano seja bem elaborado, claro e detalhado, pois,



no momento da aula, essa estruturação é fundamental para evitar devaneios e garantir a sequência didática adequada a real aprendizagem dos alunos.

Neste período de intervenção a professora Lígia demonstrou muito interesse em discutir as metodologias utilizadas por nós, estagiárias, e socializar conhecimentos sobre as estratégias para o trabalho com a leitura de livros de Literatura Infantil. Relatou-me sobre o curso de formação continuada que as professoras da Escolinha de Jesus participaram e, assim, pude discutir sobre a temática e trocar diversas experiências com ela.

Sob caráter de apreciação, relato aqui a enorme contribuição da Escolinha de Jesus para a minha formação profissional, pois além de permitir a realização da intervenção deste estágio, apresentou-se como um ambiente profissional de excelência, com profissionais bem preparados e comprometidos com o bom funcionamento da instituição e do sistema de ensino. Com isso pude quebrar em mim a ideia da ineficiência da escola pública, pois os profissionais desta escola conseguem aproveitar bem os recursos nela disponíveis, assim como seu espaço físico, de forma articulada e bem planejada. A relação inter-pessoal desses sujeitos me levou a refletir acerca da importância do trabalho em equipe, uma vez que concretizei minha compreensão sobre a visão inerente “[...] a atividade pedagógica como uma particularidade da práxis que se constitui por meio de ações coletivas, as quais criam possibilidades para a transformação das relações educacionais no contexto escolar e da construção dos sujeitos que a integram [...]” (BERNARDES, 2012, p. 29 – 30).

#### **2.4 Aprendizagens no âmbito dos componentes curriculares do núcleo de aprofundamento e diversificação dos estudos**

No último período letivo do curso de Pedagogia, além das disciplinas de Estágio Supervisionado III, TCC e Seminário em Educação, cursei as disciplinas da área de aprofundamento voltadas para a área de Psicologia Educacional, que aconteceram no turno da noite. Para este período foi ofertada, também, disciplinas voltadas para a área de Política Educacional, contudo escolhi a primeira opção por possuir mais afinidade com a área e sentir a necessidade de aprofundar os estudos devido à área profissional em que já atuo.

Na área escolhida por mim, foram ofertadas as disciplinas de Mediação Pedagógica, Processos Psicossociais de Exclusão, Psicanálise e Educação e Psicologia Sócio-Cultural. Apesar da pressão e da atenção, quase diretamente, direcionada à disciplina de Estágio Supervisionado III e TCC, os professores das disciplinas de aprofundamento conseguiram

despertar meu interesse e prazer pelos assuntos trabalhados. Eles, também, foram capazes de articular as discussões realizadas à realidade vivenciada pelas alunas. Assim, foi possível aproveitar muitas discussões concretizadas nestas disciplinas para a estruturação da intervenção na disciplina de Estágio Supervisionado e, ainda, para a construção deste memorial de formação.

Através desta área de aprofundamento pude aprofundar os estudos acerca da concepção sócio-construtivista, baseada nos estudos de Vygotsky e, com isso, reforcei a minha visão de homem como um ser social, pois “[...] é na relação com o próximo, numa atividade prática comum, que este, por intermédio da linguagem, acaba por se constituir e se desenvolver enquanto sujeito” (DAVIS et all, 1989, p.50). Esta característica, a sociabilidade do homem, é o que lhe difere dos demais animais, pois, assim, o ser humano não se limita à sua experiência para viver.

Além desta reflexão, algo que despertou em mim bastante interesse, mediante os estudos nesta área de aprofundamento, foi o estudo sobre o fracasso escolar, baseado nas autoras Moysés e Collares (1996). Estas autoras desenvolveram um estudo em busca do que os sujeitos envolvidos no processo educacional consideram como causas do fracasso escolar. Dentre as causas apontadas, aqui destaco as que vivenciei através do meu contato com a regência mediante as disciplinas de Estágio Supervisionado e ao contato que já possuo com o ambiente escolar.

As supracitadas autoras destacam a questão da formação e reciclagem dos profissionais de Educação que, em sua maioria, com seu caráter emergencialista, não promovem reflexões para que os professores aprofundem seus conhecimentos e, apenas, transferem técnicas que este deve dominar para melhorar a sua ação docente. Contudo, “ao transformar as teorias em simples técnicas, nega-se ao professor a possibilidade de, pelo conhecimento e entendimento de uma teoria, modificar efetivamente sua prática pedagógica”. (MOYSÉS e COLLARES, 1996, p.69).

Através do meu contato com o ambiente escolar pude comprovar claramente essa realidade, tomando como exemplo o trabalho de leitura de obras de Literatura Infantil articulado ao ensino das diferentes matérias, vivenciado na disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental. Nesta vivência algumas professoras da escola do campo de estágio, que participaram de cursos de formação continuada, revelavam conhecer técnicas adequadas para um trabalho significativo e direcionado às práticas de letramento, contudo a falta de

aprofundamento teórico fazia com que essas práticas não tivessem sentido para elas e, assim, a própria execução da atividade ficava prejudicada.

Esta realidade me preocupa, pois além do despreparo do professor percebo que os investimentos realizados em busca da melhoria da educação pública, algumas vezes, são perda e gasto e tempo. Para que realmente se alcance uma educação de qualidade é preciso que haja um investimento real e válido para os professores, desde sua formação até a valorização do trabalho docente.

Acerca dos aspectos que giram em torno da produção do fracasso escolar, Moysés e Collares, afirmam que a busca pela normatização dos sujeitos de acordo com a ordem vigente, é um dos objetivos atuais da escola, ou seja, espera-se que todos sigam padrões preestabelecidos como normais e aceitáveis pelo sistema. Nesta perspectiva “o que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria... tudo é transformado em doença, em problema biológico, individual” (MOYSÉS e COLLARES, 1996, p.75).

Neste pensamento, a criança que não consegue seguir os padrões exigidos na escola é considerada como doente e, por isso, é preciso recorrer aos profissionais da saúde que, em sua maioria, apelam para a medicalização. A preocupação gira em torno do diagnóstico errôneo que muitos indivíduos recebem, pois muitos destes viram rótulos, que seguem a “doença da moda”.

Após realizar as reflexões citadas acima, relacionei-as a uma situação que vejo em meu ambiente de trabalho. Neste há duas crianças com o diagnóstico de Transtorno Déficit de Atenção com Hiperatividade, mas por não ter um contato direto com estas crianças não sei de que maneira esse diagnóstico foi feito, tampouco dá pra perceber se é coerente. Contudo, uma dessas crianças faz uso de uma medicação muito forte e, recentemente, passei a observá-la em alguns momentos. É perceptível a sua apatia frente a algumas atividades escolares, pois quando deve seguir o ritmo dos demais colegas a sua dificuldade em compreender comandos e cumprir com as incumbências impossibilita-a de participar do grupo. Em situações assim, os professores apenas reclamam e retiram-na de sala de aula para que a coordenadora informe aos pais o seu desinteresse pelas atividades escolares.

Moysés e Collares (1996) também destacam que outra categoria considerada como causa do fracasso escolar é o emocional, pois, de acordo com os sujeitos investigados, este interfere na aprendizagem das crianças, uma vez que imprime nelas comportamentos inadequados que

prejudicam o processo de ensino/aprendizagem. As referidas autoras destacam a ideia que prevalece na escola em relação ao ideal de família, com pais presentes e carinhosos e, quando há um rompimento com essa ordem, a criança adquire problemas de caráter emocional e estes, por sua vez, interferirão no bom rendimento do aluno. Sendo assim,

[...] a única solução só pode mesmo ser por meio da figura do psicólogo. A escola não tem competência – nem é seu papel – para lidar com problemas emocionais. Porém, ao psicologizar uma questão eminentemente pedagógica, ela simplesmente transfere responsabilidades, exime-se de seu próprio fracasso. (MOYSÉS e COLLARES, 1996, p.146-147).

A partir dessas ideias acerca da influência do emocional na aprendizagem da criança, passei a analisar a minha vivência no ambiente escolar. Não se pode negar que o emocional de um sujeito tem poder para conferir determinadas influências em diversas áreas de sua vida, contudo, não é válido dizer que este seja determinante. Como exemplo, tomei a minha história de vida. Quando criança vivenciei alguns conflitos familiares que me deixaram marcas que até hoje se latejam em minha vida. Ainda nessa fase, passei por tratamentos que conseguiram surtir efeitos. Neste processo, recorde-me claramente da escola e do meu desempenho conforme as expectativas da família e dos profissionais. Apesar da fase de problemas emocionais que vivenciei quando criança, que me levaram a um quadro de ansiedade, citada no ponto 2.1 deste trabalho, não deixei de aprender, pois tive a oportunidade de contar com profissionais e familiares que se empenharam em auxiliar-me.

Vale ressaltar que, nesta fase atual da minha vida, com diversas emoções pulsando em mim em virtude da conclusão do Curso de Pedagogia e, também, da persistência dos problemas familiares, o processo de ensino/aprendizagem que estou vivenciando não teve danos diretos e irrecuperáveis, mesmo com o emocional constituindo-se como um obstáculo muitas vezes difícil de ultrapassar.

Considero válidas as críticas expostas por Moysés e Collares (1996) acerca das ideias comuns que justificam o fracasso escolar, pois é perceptível que há uma busca incansável para justificar esse fracasso através da culpabilização da criança e de demais aspectos inerentes à vida desta. Enquanto a escola não aceita a própria ineficiência, não há como promover a tão esperada mudança na educação que compreende a formação integral do sujeito, ou seja, a preparação deste para a vida em sociedade de maneira ativa e reflexiva. Para que isto ocorra, mudanças no campo social também são necessárias, pois esta é uma transformação que não é possível acontecer unilateralmente, pois somente caminhando lado a lado, escola e sociedade podem transformar a realidade.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão do curso de Pedagogia veio acompanhada da grande ansiedade em finalmente realizar mais um sonho. O sonho que me fez abrir mão de tantos outros. O sonho que sonhei acordada, que me fez perder muitas horas de sono, festas e até prováveis parceiros afetivos. Contudo a reflexão que neste trabalho realizei me permitiu, claramente, ver o quanto todas essas experiências foram válidas, apesar dos pesares.

Neste momento, vivencio uma nova transição em minha vida. A tão esperada transição que carrega consigo a promessa de um renascimento pessoal, pois, após escrever estas palavras não sou mais a mesma pessoa que escreveu os primeiros parágrafos, tampouco serei a mesma pessoa ao escrever as últimas linhas. Pois este ato reflexivo realizado com a escrita do memorial formativo, propiciou uma autoanálise e, com isso, percebi em quais aspectos preciso melhorar e quais conceitos preciso reelaborar.

Além disto, também pude ver os aspectos positivos da minha formação, pois hoje vejo claramente a importância de ter sido uma aluna dedicada, comprometida e disposta. Ao redigir as páginas deste trabalho senti-me segura em relatar acontecimentos e expor-me de maneira crítica, sabendo fundamentar-me e posicionar-me adequadamente. Em virtude disto, afirmo que agora sinto que sou um indivíduo que pensa por si, que tem suas opiniões e que não é sujeito à autonomia de ninguém, como destaca Freire (1996).

Também percebi a importância dos estudos realizados ao longo da minha formação. Apesar do que outros profissionais da área afirmam, todos os conhecimentos que conquistei em meio aos estudos acadêmicos foram, e são, importantes para a minha atuação profissional, pois compartilho da ideia de que “os professores precisam ser formados como profissionais reflexivos, a partir de uma prática investigativa e de uma reflexão na ação e sobre a ação”. (SCHON, 2000, p.61). E, destaque, é somente nesta relação entre teoria e prática que a ação docente terá sentido.

Sendo assim, todo educador precisa assumir uma postura/tendência teórica que, por sua vez, norteará a sua atuação como docente, pois é através do conceito de homem, educação e sociedade, que serão elaborados os objetivos da educação.

Em virtude disto, familiarizei-me com a abordagem histórico-cultural, pois considero que o sujeito desenvolve-se através de sua relação com o meio, no qual diversos símbolos medeiam a interação entre o sujeito e o social. Desta feita, concluo que o desenvolvimento do indivíduo

dá-se do social para o individual, uma vez que somos resultado da influência do meio, mesmo que nossos pensamentos sejam contraditórios a estes.

Acerca da estrutura curricular do curso de Pedagogia, em momentos de avaliação do curso vivenciado pelos seus respectivos alunos, muito foi discutido sobre a dificuldade vivenciada nas disciplinas de estágio. Sobre isso, alguns colegas destacaram que o contato do graduando com a escola dever-se-ia acontecer antes dos estágios propriamente ditos, pois, só assim, estes (prováveis) futuros profissionais poderiam conhecer a realidade da profissão e, assim, perceber logo no início se segui-la é válida. Lembro que naqueles momentos de avaliação do curso eu discordei dos colegas quanto a proposta de antecipar os períodos de realização dos estágios, pois, a meu ver, seria impossível desenvolver uma boa ação interventiva sem que houvesse um aprofundamento teórico anterior a esta prática.

Como sugestão, propus, e aqui deixo relatado, que este contato dos graduandos com a escola, antes das disciplinas de estágio, seja negociado entre professores e alunos no início das disciplinas. Penso desta forma, pois vi e senti a realidade do graduando de Pedagogia: alguns com disponibilidade integral para as atividades acadêmicas e outros que, apesar da vontade, não dispunham de tempo para envolver-se com mais afinco aos estudos, devido ao trabalho, à família, dentre outros motivos. Desta forma, acredito que a sugestão deste contato inicial com o campo profissional deveria realizar-se de maneira democrática, de modo que os interesses pessoais não se sobressaiam aos individuais.

Esta prática democrática no ambiente de formação acadêmica é de extrema importância para a formação desse sujeito que vai, ou pelo menos deveria, auxiliar na formação de sujeitos preparados para (sobre) viver numa sociedade democrática e igualitária. Sobre isso Freire (1996) destaca que “de nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre”. (FREIRE, 1996, p. 62). Com isso, concluo que não adianta defender uma prática pedagógica significativa e andar a passos largos em sentido contrário a ela.

As disciplinas de Estágio Supervisionado, além de propiciarem uma melhor preparação para a minha formação profissional, foram importantes para que, conhecendo de perto a realidade da educação, eu pudesse reformular a visão tão negativa que sempre tive acerca da escola pública e, também, acerca do trabalho docente, pois hoje encaro a minha profissão como algo que sempre será meu orgulho e não como algo que um dia será declarado por mim como um pesar, um erro em minha vida.

Preparar-me para ser professora e, ao mesmo tempo ser aluna, também me levou a questionar os papéis de discente e docente. Professores brilhantes passaram por minha formação, mas, também, o descaso e a falta de compromisso foram elementos presentes em algumas práticas pedagógicas no meio acadêmico. Carregarei, eternamente, figuras inesquecíveis em meu coração. Figuras que são eternas inspirações e que espero, um dia, ter a honra de trabalhar lado a lado com elas.

Apreendi que ter sonhos é fácil, mas lutar por eles é difícil. Quanto mais se deseja algo, mais obstáculos aparecerem, mas, apesar disto, também aprendi que quando há empenho e dedicação em busca da realização de um sonho, todo o universo conspira a favor, mesmo que muitas adversidades apareçam. O que importa é como nos posicionamos frente a estes obstáculos, como administramos as diversas situações que se apresentam a nós. Percebi que como seres inacabados, estamos sempre em busca de algo que nos complete, nos preencha. Segundo Freire “este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida” (FREIRE, 1996, p. 58), uma vez que é através desta consciência que o professor toma como prática primordial em sua profissão a busca por novos saberes.

Esta nova transição em minha vida trouxe consigo diversas situações inusitadas. Desde o dia em que me dispus a planejar este trabalho, as mais variadas emoções preencheram o meu ser, ora com alegria, ora com pesar. Esta conclusão, por si só, já é um fato de imensa satisfação, de vitória, pois este trabalho é a prova concreta de que sobrevivi a mais uma transição, de cabeça erguida e com o coração cheio de esperanças. A todos que fizeram parte deste momento, tanto pelo caráter positivo, quanto pelo caráter negativo, destaco o meu enorme agradecimento. Pelo apoio incondicional, pelo amor nas horas mais difíceis, pela força e descontração nos momentos necessários. Também agradeço pelas situações que tanto me fizeram chorar e quase perder a esperança, pois, com isto, consegui achar forças e perceber que sou quem eu quero ser. Não desisti! Nunca vou desistir, pois, como afirma Cury (2004) o ser humano sábio é aquele que reconhece os próprios erros e fracassos, mas, também, utiliza-os de forma a aprimorarem a sua inteligência.

#### 4. REFERÊNCIAS

- BANDIM, José Marcelino. **A criança autista e a escola: uma abordagem prática**. Recife: Bagaço, 2011.
- BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. Pedagogia e mediação pedagógica. In: LIBÂNEO, José Carlos; ALVES Nilda (org.). **Temas de Pedagogia: Diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Pró-letramento: programa de formação continuada de professores dos anos / séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem**. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.
- CURY, Augusto Jorge. **Nunca Desista de Seus Sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CRUZ, Silvia Helena Vieira. Ouvindo crianças na consulta sobre qualidade na Educação Infantil. In: CAMPOS, M.M e CRUZ, S. H. V. **Campanha nacional pelo direito à educação**. Consulta sobre qualidade na educação infantil: o que pensam e querem os sujeitos deste direito. São Paulo: Cortez, 2006, p. 301 – 306.
- DAVIS, C., SETÚBAL, M. A. & ESPOSITO, Y. L. **Papel e valor das interações sociais em sala de aula**. Cad. de Pesq. São Paulo (71): 49-54. nov. 1989.
- FARIA, Evangelina Maria B. de (org.). **A criança e as múltiplas linguagens na Educação Infantil**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- GALLO, Sílvio. **Pedagogia Libertária: Anarquistas, Anarquismos e Educação**. São Paulo: Imaginário, 2007.



LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar**: teoria e prática. Goiânia: Editora alternativa, 2001.

OLIVEIRA, D. A. A **reestruturação do trabalho docente**: precarização e flexibilização. Educação e Sociedade, v.25, n.89, p.1127-1144, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>. Acesso em 6 set 2014.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O currículo na educação infantil**: o que propõe as novas Diretrizes. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15860&Itemid=1096](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15860&Itemid=1096). Acesso em: 6 set. 2014.

ROSELI, Fontanna; CRUZ, Maria Nazaré da. A abordagem histórico-cultural. In: ROSELI, Fontanna; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997, p. 57-68.

SACRISTÁN, J. G. Educação pública: um modelo ameaçado. In: SILVA, T. T. da; GENTILI, P. (orgs.). **Escola S. A.:** quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996. p. 150-166.

SANTOS, Silmara de Jesus Bignardi dos. **A importância da leitura do ensino superior**. Revista de Educação, Anhanguera, v.9, n.9, 2006.

SAVIANI, Dermeval. Por uma outra política educacional. In: SAVIANI, Dermeval. **Da nova LDB ao FUNDEB**: por uma outra política educacional. São Paulo, Autores Associados, 2008.

SCHAFFEL, Sarita Léa. A identidade profissional em questão. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 112 – 114.

SCHON, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SDAVID R, Shaffer; KATHERINE, Kipp. Desenvolvimento Cognitivo: A Teoria de Piaget e a Visão Sociocultural de Vygotsky. In: SDAVID R, Shaffer; KATHERINE, Kipp. **Psicologia do Desenvolvimento** – Infância e Adolescência. 8 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

TETU, Viviane. Raciocínio lógico-matemático: atividades iniciais. In: MIRANDA, Vera Regina (org.). **Educação e Aprendizagem**: Contribuições da Psicologia. Curitiba: Juará, 2008. P. 103-115.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo zappiens**: educando na era digital. Tradução Vinicius Figueira. Por Alegre: Artmed, 2009.